

CASTELNÉRAC, Benoît, Gili, Luca & Monteils -Laeng, Laetitia (eds.) (2024), *Foreign Influences: The Circulation of Knowledge in Antiquity*, Turnhout, Brepols, 2024, 302 pp. ISBN: 978-2-503-59895-6.

O tema deste Volume estabelece, desde logo, uma ligação muito forte com a atualidade. A integração e a influência dos estrangeiros no mundo antigo, e como isso se relaciona com a circulação do conhecimento, explorando a hipótese de que os intelectuais mais viajados viam as terras estrangeiras e os estrangeiros como repositórios de saber transmitido pelos *sophoi* gregos. Por conseguinte, os doze estudos coligidos neste Volume abordam temas específicos como a representação do Outro/estrangeiro, a atitude filosófica dos estrangeiros que vivem na *polis*, os limites entre a noção de ‘cidadão’ e ‘estrangeiro’, a conexão entre viagem ou mobilidade e o conhecimento, por meio de perspectivas filológicas, culturais, filosóficas e linguísticas, com base nos seguintes autores antigos: Platão, Xenofonte, Demócrito, Aristóteles, Diógenes, Cícero e Galeno.

André Rehbinder (“Remarques sur les emplois stylistiques de ξένος, ξενικός et γλῶττα”) propõe, com base em algumas obras de Aristófanes, Isócrates, Platão e Aristóteles, analisar o sentido e o contexto dos vocábulos ξένος, ξενικός e γλῶττα, de forma a demonstrar a variedade de dialetos e estilos. No caso de ξένος e ξενικός, podem ser usados de forma ambivalente, se atendermos ao contexto e a quem se aplica, sobretudo na forma adjetiva, remetendo, em geral, para algo que é ‘estrangeiro’. Neste estudo, realça-se o facto de Aristóteles atribuir ao vocábulo γλῶττα um valor estilístico, tal como ξενικός, ou seja, aplica-se quando produz ‘o mesmo efeito que os estrangeiros’.

O estudo de Ilaria Andolfi (“Democritus, B 299 (D.K.). Alien Wisdom, Geometry, and the Contemporary Prose Landscape”), com base em Demócrito B 299 D.K. (= R 115 Laks & Most), um fragmento que alguns estudiosos consideram espúrio, verifica a forma como os filósofos gregos, no século V a. C., olhavam para a sabedoria do Outro/estrangeiro. Além de analisar as duas citações que Clemente de Alexandria faz do fragmento, a A. também interpreta o contexto, estabelecendo a ligação com Heródoto, os sofistas e

o *Corpus Hippocraticum*, concluindo-se que, por um lado, houve interações entre filósofos e sofistas com estrangeiros, e, por outro, nesses textos em prosa são adotadas estratégias estilísticas semelhantes, de tal forma que considera não ser improvável que os dois fragmentos sejam da autoria de Demócrito, ao contrário da tese de Diels.

Quanto ao capítulo da autoria de Étienne Helmer (“Étrangèreté du vrai et politique chez Platon”), aborda o sentido de ‘étrangèreté’, termo que prefere a ‘étrangeté’ por remeter para a condição de diferença e distância por causa da origem. A partir de caracteres estrangeiros que participam nos diálogos platônicos, avalia-se o nível de conhecimento, em particular dos sofistas, de forma a distinguir a filosofia da verdade. Interpreta-se o papel político do estrangeiro nas *poleis* e conclui-se que Platão articula a dimensão da estrangeiridade política com a estrangeiridade epistemológica, questionando-se a arte política e a construção do espaço político em virtude da diversidade positiva de caracteres que convivem nas *poleis*.

No estudo seguinte, Anna Schrieffl (“Cephalus, a Role Model for the Producers in Plato’s Kallipolis”) propõe uma interpretação diferente do papel de Céfalo no diálogo com Sócrates (cf. *Rsp.* 328b-331d), uma vez que, ao contrário de outros, prefere ver Céfalo como um modelo positivo e não como alguém meramente materialista ou injusto. Apesar de ser um homem de negócios, a riqueza não é o objetivo essencial da sua vida, assumindo, por isso, um valor instrumental, a par do facto de a boa economia da cidade ser essencial para o bem-estar dos cidadãos e o sucesso dos políticos. Apontando várias qualidades de Céfalo, sem negar os seus defeitos (por exemplo, a valorização da riqueza e o pouco interesse pela filosofia), conclui este estudo que a comunidade ideal (*Kallipolis*) precisa de bons homens de negócios, sobretudo se receberem uma *paideia* baseada na virtude.

Também com base em Platão (*Leis e República*), David Merry (“Xenophobia in Utopia: On the Metics in Plato’s Laws”) procura compreender o estatuto do meteco na *polis* grega, sendo evidente que os estrangeiros exerciam influência na comunidade e que isso era visto de diferentes formas e nem sempre merecia a mesma aceitação. Nesse sentido, avalia-se neste estudo os níveis de integração dos estrangeiros e como havia quem temesse a influência dos estrangeiros. Por isso, a condução política desempenha um papel essencial na formação do carácter dos cidadãos, nomeadamente quanto à forma de se relacionar com quem tem uma condição de estrangeiro (*xenophilia*, *xenophobia* e *xenelasia*).

Com o objetivo de valorizar o *Económico* de Xenofonte, Zoli Filotas (“Social Science and Universalism in Xenophon’s Oeconomicus”) explora a

dimensão local e universal da obra, apontando o “universalism in social science” (p. 139) como uma metodologia de leitura da obra e da sua mensagem moral. A partir dos modelos de Atenas e da Pérsia, Xenofonte sugere que a ciência económica tem princípios universais, ainda que aponte vários pormenores específicos em que Ciro assume um papel relevante na construção retórica. Segundo a análise do A., quebram-se, na narrativa, limites temporais e físicos, no momento de avaliar a conduta humana.

O estudo de Mor Segev (“Aristotle on the Intellectual Achievements of Foreign Civilizations”) defende que Aristóteles atribuía aos Gregos grande parte da responsabilidade pelo desenvolvimento do conhecimento humano, sobretudo por causa do contributo na área das ciências naturais, matéria a que os Gregos se dedicaram de forma consistente e regular. Dessa forma, como nenhuma outra civilização, os gregos marcaram, de forma decisiva, a história da ciência, aplicando uma metodologia empírica e teórica (metafísica ou outra), em que se concilia filosofia e ciência.

Retomando em parte o tema do anterior capítulo, quanto à oposição entre mundo grego e não-grego, Thornton Lockwood (“Carthage: Aristotle’s Best (non-Greek) Constitution?”) demonstra que Aristóteles elogia a organização social e política de Cartago, um espaço cartaginês onde o grego não era a língua dominante. Para defender que Aristóteles não tinha posição limitada e helenicocêntrica, o A. acrescenta que Cartago mereceu de Aristóteles vários elogios na comparação com Esparta ou Creta. Dessa forma, também se prova que Aristóteles, no momento de refletir sobre o comportamento político ou social do ser humano, inclui, além da realidade helénica, também outros espaços, como a Líbia, o Egipto ou a Ásia.

Para Katarzyna Borkowska (“Translatio, Imitatio, Aemulatio: Assimilation of Greek Thought in Cicero’s Philosophical Writings”) interessa apontar processos de *translatio*, *imitatio* e *aemulatio* entre o pensamento filosófico grego e o latino, em particular entre Platão e Cícero, partindo da premissa de que a literatura romana se formou a partir da influência estrangeira ou externa. No caso de Cícero, não houve a intenção de traduzir literalmente do grego, mas de adaptar os vocábulos a outro contexto de receção, romanizando alguns termos. Na conclusão, a A. considera que a proximidade promovida por Cícero entre as duas culturas acabou por criar um modelo unitário de cultura clássica. Trata-se de uma tese complexa, uma vez que alguns autores preferem considerar que esse modelo só surgirá nos séculos I ou II d. C.

O estudo de Marine Glénisson (“Étrangers ou étrangers? La sagesse des confins et la connaissance du monde dans la littérature grecque des

premiers siècles de l’empire”) procurar discutir os conceitos de estrangeiro e estranho (por exemplo, por ser demasiado exótico para a cultura grega) com base em textos do período imperial. Ao tratarem deste assunto, como sucede no romance grego ou em algumas obras de Filóstrato, desafia-se e questiona-se os limites da identidade helénica.

Julien Devinant (“Déterminisme environnemental et influence culturelle: la vision de l’étranger chez Galien”) demonstra que a obra de Galeno revela abertura ao contributo cultural do estrangeiro, sobretudo se tiver consciência da *παιδεία* grega, definindo o helenismo como um conceito que não se circunscreve ao espaço grego, mas que está presente em vários locais e aí troca influências culturais, até com os povos que têm marcas do imperialismo romano.

Por fim, o estudo de Isabelle Chouinard (“Le privilège philosophique de l’étranger”), que parte da ideia de que a maioria dos filósofos gregos são representados na literatura como estrangeiros (cf. Diógenes Laércio e o catálogo de filósofos), considera que o pensamento filosófico beneficiou da perspetiva do estrangeiro. Por um lado, ajudou a incorporar uma visão diversificada do mundo e, por outro, forçou os nativos a empreender uma reação teórica face ao novo conhecimento. Segundo a A., mais do que uma tensão negativa, destas duas forças resultou um movimento de convergência.

Este Volume aborda um tema muito presente na agenda política da maioria dos países ocidentais. Desta forma, demonstra-se que, desde a Antiguidade Clássica, a presença do estrangeiro ou do Outro mereceu várias representações, da literatura ao pensamento filosófico, permitindo compreender melhor os processos de mobilidade do conhecimento. Com uma edição cuidada e textos com temáticas bem definidas, este Volume vem dar um contributo relevante para quem investiga sobre esta temática. Talvez o aspeto menos positivo deste Volume seja o facto de não incorporar mais estudos baseados em obras da literatura latina, como Tácito ou Séneca.

**JOAQUIM PINHEIRO**

Universidade da Madeira

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

pinus@uma.pt

orcid.org/0000-0002-5425-9865